

III DOMINGO DA QUARESMA – Dom Rafael Arruda, OSB

Podemos dizer que este domingo é o domingo da urgência!

É urgente voltar-se para Deus... é o domingo em que devemos contemplar, ao mesmo tempo, a urgência da conversão e a paciência de Deus! Essa paciência de Deus, longe de nos transformar em homens que esperam para ver, que adiam continuamente as grandes decisões da vida, como as “pequenas” decisões de conversão na vida cotidiana, tem a intenção de fazer com que a urgência em nosso coração “inflame” ainda mais! É paradoxal, mas a paciência de Deus clama por urgência! Mas tudo isso requer uma coisa essencial: olhos abertos para a história!

Ler a história é uma das tarefas mais humanas que existe; somente o homem é, de fato, capaz de ler a realidade de sua história e a história do mundo ao seu redor, nenhum outro ser vivo sabe como fazer isso... somente o homem... e Deus!

Sim, Deus lê a história, ouve seus gemidos, sente o gosto das quentes lágrimas, o cheiro acre do sangue... também ouve os suspiros de esperança e os sobressaltos de alegria... percebe na história a explosão de ódio, mas também o afloramento da ternura do amor e da compaixão. A história da vocação de Moisés, que lemos hoje no Livro do Êxodo, envolve Deus e um homem, Moisés... e Deus que conhece a história de seu povo, que sabe como lê-la, que ouviu seu grito de dor... e que lê essa história e encontra caminhos de salvação para ela; diante de Deus está o homem Moisés, que, de um lado, fugiu da história na qual queria intervir à sua maneira e se acomodou em um estado de tranquilidade, sem desejo de ler a história; Por outro lado, a leitura que Deus faz da história de seu povo no Egito é uma leitura “onerosa” porque o texto faz Deus dizer: ““Eu conheço seus sofrimentos” e o verbo hebraico que o autor usa (o verbo *yadà*) significa um conhecimento que não é intelectual e meramente cognitivo, mas um conhecimento experimental, que afeta, que abrasa...

Ler a história é ler os sinais dos tempos; Jesus, no capítulo anterior (12, 56), chamou de hipócritas aqueles que se recusam a ler a história; os sinais não são apenas aqueles que Ele, Jesus, dá com Suas palavras e ações; há sinais que se podem ler também na história cotidiana; há fatos em que uma palavra de Deus brilha incrivelmente, em que um apelo ressoa, em que - como eu disse - uma urgência é “gritada”!

Na passagem de Lucas deste domingo, duas notícias são relatadas a Jesus; uma produzida pelas escolhas do homem (a revolta desse grupo de fanáticos galileus que Pilatos exterminou impiedosamente enquanto ofereciam sacrifícios no Templo), outra produzida pelo acaso ou pela natureza (o desabamento da Torre de Siloé que matou os trabalhadores que estavam construindo o Templo) ... diante desses dois fatos, Jesus rejeita a interpretação popular simplista e perversamente “religiosa” segundo a qual essas mortes são punições... uma interpretação que não é uma leitura verdadeira dos sinais dos tempos porque mantém os leitores-intérpretes fora da história; em vez disso, Jesus quer que fatos como esses sejam lidos à luz da urgência da conversão! Esses fatos - sobre os quais Jesus se recusa a fazer um julgamento moralista - devem nos incitar a levar a vida a sério, a não perder tempo, a responder aos apelos de Deus e, acima de tudo, ao apelo que é o próprio Jesus com sua vida, suas escolhas, sua palavra.

Certamente, a linguagem que Lucas coloca nos lábios de Jesus tem sua própria ambiguidade que precisa ser compreendida e decodificada; excluindo a relação de causa e efeito entre o pecado e esses eventos, Jesus parece então afirmar que Deus pune, no entanto, aqueles que não se convertem (“se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo”).

A realidade é que Jesus aqui se expressa como os profetas da Primeira Aliança; ele fala como aqueles profetas que dizem que o exílio na Babilônia foi um castigo pela infidelidade do povo; a verdade é que quem não aproveita o tempo presente para se voltar de novo para Deus, para

mudar de vida, não será libertado do mal que pode acontecer (cf. Salmos 7,12-13; Sal 50, 22). O mal não vem porque Deus castiga, mas porque a falta de conversão faz com que caiamos em situações de fraqueza e erro, e isso gera injustiça e dor.

Se não fosse essa a leitura, qual seria o objetivo da parábola da figueira estéril que Lucas narra logo a seguir, relacionando-a imediatamente àquela palavra de Jesus (“se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo”)? O que a parábola quer narrar é uma situação em que não deveríamos alegorizar? O que quero dizer? Que não é necessariamente o caso de que cada elemento da história deva corresponder a um significado. Alguém, de fato, ao proceder desta forma, gostaria que o homem, o dono daquele campo fosse o Pai e o vinhateiro, bom servo, fosse Jesus... uma alegoria que não me parece legítima ... antes de tudo porque não estamos diante de uma alegoria, mas de uma parábola, mas sobretudo porque tal leitura contrasta com a revelação que Jesus nos fez do Pai! Não é possível que Jesus conte uma história para dizer que ele é mais bondoso e paciente do que o Pai! Esta não é a linha a seguir; se realmente queremos encontrar algumas correspondências, parece-me que o homem, o senhor dono da vinha, onde está plantada a a figueira, com a sua maneira de raciocinar e falar, representa o sentimento comum, o "senso comum" do mundo (“para que deixar essa infrutífera ocupar espaço inutilmente? ”)... já o vinhateiro ou o servo que cuida da figueira representa, em vez disso, a lógica de Deus, a lógica do Evangelho, a revelação da verdadeira face de Deus. Para Jesus, Deus não é um pai tirano que força os homens a segui-lo com o medo da punição, com a qual Ele está pronto para destruir aqueles que não o obedecem.

Em vez disso, a revelação de Jesus nos mostra um Deus que é Pai porque Ele pode tão somente amar!

Jesus fala-nos, assim, de um Deus que tem paciência suficiente para esperar frutos até mesmo da figueira de “aparência ostentosa” (é claro que esta figueira só tem folhas bonitas e nenhum fruto: um ícone, portanto,

daqueles “homens religiosos” que são homens de aparência estéril!); quem conhece esse Deus entende que há uma urgência que urge e diante da qual, se alguém é realmente um discípulo de Jesus, não pode recuar; não vai desperdiçar a vida esperando sentado sem resultado, não vai se deter com medo diante do Deus revelado por Jesus que é um Deus tão amoroso que é capaz de nos esperar e de continuar a apostar em nós, diante de um Deus que se mostra disposto a "fazer a sua parte" (“Eu cavarei ao redor dela e colocarei adubo sobre ela”, diz o servo na parábola) para que o infrutífero dê fruto, para que o homem das aparências encontre caminhos de autenticidade e conversão.

Tal certeza, irmãos e irmãs, é força para continuarmos a luta desta nossa Quaresma! AMÉM.